

GENTES E FRONTEIRAS: A MULTITERRITORIALIDADE NAS CIDADES GÊMEAS DE CORONEL SAPUCAIA-BR E CAPITÁN BADO-PY.

PEOPLE AND FRONTIERS: THE MULTITERRITORIALITY IN THE TWIN CITIES OF CORONEL SAPUCAIA-BR AND CAPITÁN BADO-PY.

GENTES Y FRONTERAS: LA MULTITERRITORIALIDAD EN LAS CIUDADES GEMELAS DE CORONEL SAPUCAIA-BR Y CAPITÁN BADO-PY.

Alexandre da Silva Gonçalves¹

João Carlos Nunes Ibanhez²

RESUMO: A multiterritorialidade nas cidades gêmeas de Coronel Sapucaia-BR e Capitán Bado-PY, está posta sobre dois territórios (Brasil e Paraguai), conseqüentemente em uma área de fronteira. Esta condição repercute no cotidiano das pessoas ("gentes"), que ali estabelecem suas vivências, ora de afirmação de uma identidade nacional estabelecendo fronteiras, ora de conciliação de uma identidade comum a ambos, de hibridismo cultural. Condição que foi verificada em trabalho de campo realizado em Coronel Sapucaia (Brasil) e Capitán Bado (Paraguai) na disciplina de Espaço, População e Fronteira, ofertada no curso de Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados, com levantamento fotográfico e entrevistas com moradores e autoridades de Coronel Sapucaia e Capitán Bado. Sendo verificado as porosidades dessa relação de fronteira estabelecida por brasileiros e paraguaios, e conseqüentemente a territorialidade que se constitui sob os territórios nacionais, formando uma identidade fronteiriça.

PALAVRAS-CHAVES: Multiterritorialidade; Fronteira; Cidades gêmeas; Coronel Sapucaia-BR; Capitán Bado-PY.

ABSTRACT: The multiterritoriality in the twin cities of Coronel Sapucaia-BR and Capitán Bado-PY, it's put about two territories (Brazil and Paraguay), consequently in a border area. This condition has repercussions on the daily life of people ("folk"), that there established their experiences, well of affirmation of a national identity establishing borders, well of conciliation of a

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). – E-mail: alexandreufgd@hotmail.com.

² Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). – E-mail: zamoms@hotmail.com.

common identity to both, of cultural hybridity. Condition that was verified in a fieldwork accomplished in Coronel Sapucaia (Brazil) and Capitán Bado (Paraguay) in the discipline of Space, Population and Border, offered in the Geography Course of the Federal University of Grande Dourados, with photographic survey and interviews with residents and authorities of Coronel Sapucaia and Capitán Bado. Being verified as porosities of this border relationship established by Brazilians and Paraguayans, and consequently the territoriality that is constituted under the national territories, forming a bordering identity.

KEYWORDS: Multiterritoriality; Border; Twin cities; Coronel Sapucaia-BR; Capitán Bado-PY.

RESUMEN: La multiterritorialidad en las ciudades gemelas de Coronel Sapucaia-BR y Capitán Bado-PY, está puesta sobre dos territorios (Brasil y Paraguay), consecuentemente en un área de frontera. Esta condición repercute en el cotidiano de las personas ("gentes"), que allí establecen sus vivencias, ora de afirmación de una identidad nacional estableciendo fronteras, o de conciliación de una identidad común a ambos, de hibridismo cultural. La condición que fue verificada en trabajo de campo realizado en Coronel Sapucaia (Brasil) y Capitán Bado (Paraguay) en la disciplina de Espacio, Población y Frontera, ofrecida en el curso de Geografía de la Universidad Federal de la Grande Dourados, con levantamiento fotográfico y entrevistas con moradores y autoridades de Coronel Sapucaia y Capitán Bado. Si se comprueba las porosidades de esa relación de frontera establecida por brasileños y paraguayos, y consecuentemente la territorialidad que se constituye bajo los territorios nacionales, formando una identidad fronteriza.

PALABRAS CLAVES: Multiterritorialidad; frontera; Ciudades gemelas; Coronel Sapucaia-BR; Capitán Bado-PY.

INTRODUÇÃO

O espaço geográfico está repleto de pessoas ("gentes")³ que se diferenciam umas das outras não apenas quanto a seus aspectos físicos/biológicos, econômicos, sociais e culturais, mas por possuírem nacionalidades diferentes. Condição construída a partir, e, sobretudo, da formação dos Estados-nações e da criação de fronteiras; O nascimento do sentido de pertencimento a um determinado território, de uma identidade, é condição construída a partir, e, sobretudo, da formação dos Estados-nações e da criação de

³ Decidimos usar o termo "gentes" para dar uma ideia abrangente de multidões, populações e povos nas duas cidades fronteiriças, mesmo que em linhas gerais a expressão seja coloquial.

fronteiras. Território, identidade e Estado-nação formam uma base importante para se compreender a noção de fronteira, que vai além do limite físico, uma vez que é transpassada pelas relações humanas em suas mais variadas dimensões sócio-espaciais. A princípio, a constituição de fronteira, como limite, já estava presente em algumas regiões antes mesmo do desenvolvimento da escrita, criando no imaginário das pessoas de um determinado território, que para além dos seus limites, há o desconhecido, o outro.

Demarcado por limites, o território, numa perspectiva clássica (pensando na constituição dos Estados-nações), cria uma identidade fundada em elementos homogeneizadores como língua oficial, legislações, símbolos, heróis nacionais, etc., que possibilitam a identificação e o sentimento de pertença a este território que se projeta sobre um espaço concreto. Tais limites possibilitaram a criação de identidades, ou seja, fizeram com que as “gentes” se identificassem como paraguaios, brasileiros, bolivianos, uruguaios, etc.; engendraram, todavia, relações fronteiriças, estabelecidas em diálogos, interações, complementariedades, vivências que transpassam/negam a delimitação da linha internacional, através da porosidade da fronteira.

A partir da discussão sobre o conceito de território e fronteira, este trabalho tem como objetivo analisar as vivências das “gentes” de Coronel Sapucaia (Brasil) e Capitán Bado (Paraguai), cidades gêmeas. Centros urbanos escolhidos pela especificidade geográfica, onde as vivências das suas “gentes” recriam no cotidiano de relações com estes dois territórios nacionais outras territorialidades e fronteiras.

DESENVOLVIMENTO

TERRITÓRIO

O conceito de território na Geografia tem sua origem nas obras *Antropogeografia* (1882) e *Geografia Política* (1897) de Friedrich Ratzel, com base no determinismo alemão, no século XIX. A geografia de Ratzel teve o papel de criar uma consciência nacional para o estabelecimento do “espaço vital”, essencial para o desenvolvimento de uma nação (FERNANDES, 2009).

Nesta perspectiva, o território, ligado à ideia de Estado (detentor do poder sobre determinado espaço), e esse à expansão dos domínios territoriais (espaço vital), estará ligado diretamente a uma noção com identidade específica, que se constitui a partir de um espaço que

[...] é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreto ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator “territorializa” o espaço (RAFFESTIN, 1993, p. 143).

Essa passagem do espaço ao território é marcada pela transformação do espaço, tanto pelo Estado “que recorta o espaço em malhas” (RAFFESTIN, 1993, p. 39), quanto por outros atores, que modificam e transformam o espaço através das “redes, circuitos e fluxos que aí se instalam: rodovias, canais, estradas de ferro, circuitos comerciais e bancários, auto-estradas e rotas aéreas etc.” (LEFEBVRE, 1978, p. 259 apud RAFFESTIN, 1993, p.143). Sendo o território, nesta perspectiva, o espaço em que se “projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder” (RAFFESTIN, 1993, p. 144).

Para que o território se concretize, Haesbaert (2004, p. 89) ressalta o fator identitário no papel da coesão do Estado-nação, sendo o território

[...] um dos instrumentos utilizados em processos que visam algum tipo de padronização (interna) e de classificação – na relação com os outros territórios [...]. Todos os que vivem dentro de seus limites tendem a ser vistos como “iguais”, tanto pelo fato de estarem subordinados a um mesmo tipo de controle quanto pela relação de diferença que, de alguma forma, se estabelece entre os que se encontram no interior e os que se encontram fora de seus limites [...] Por isso, toda relação de poder espacialmente mediada é também produtora de identidade, pois controla, distingue, separa e, ao separar, de alguma forma nomeia e classifica os indivíduos e grupos sociais. [...] São criadas paisagens históricas que fortalecem a ideia de pátria e de nação [...].

A produção de territórios condiciona e possibilita a constituição de identidades, que por sua natureza dialética, se faz através da produção de diferenças. Silva (2000, p.76) analisa que “a identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são

criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social”.

Ainda segundo Silva, a identidade e a diferença são “o resultado de atos de criação linguística”, citando como exemplo os complexos linguísticos do Brasil, que propiciam uma identidade que o diferencia de todas as outras identidades nacionais. Além desta visão de território mais ligada à de Estado-nação, institucionalizada, o território pode ser visto a partir de outras perspectivas.

Haesbaert (2004) explora a perspectiva da multiplicidade de territórios, que se contrapõe ao território unifuncional pautado na lógica capitalista hegemônica, contribuindo para pensarmos o conceito de território múltiplo diverso e complexo, de modo que possamos:

[...] afirmar que o território, imerso em relações de dominação e/ou de apropriação sociedade-espço, “desdobra-se ao longo de um continuum que vai da dominação político-econômica mais ‘concreta’ e ‘funcional’ à apropriação mais subjetiva e/ou ‘cultural-simbólica” (Haesbaert, 2004, p.95-96).

Nesse sentido, observamos que tanto o território funcional quanto o simbólico não se manifestam em estado puro; o funcional terá, por mais que seja reduzida, uma carga do simbólico, e o território “simbólico”, do funcional (HAESBAERT, 2005). Esta condição está ligada, conforme o autor supracitado, à apropriação e dominação do espaço ao longo do tempo.

Na tabela 01 é possível, conforme Rogério Haesbaert, caracterizar genericamente a aparente dicotomia ente Território Funcional e Território simbólico.

Tabela 01. Caracterização de território funcional e simbólico

Território funcional	Território simbólico
Processos de Dominação “ <i>Território da desigualdade</i> ”	Processo de Apropriação (Lefebvre) “Territórios da diferença”
Territórios sem territorialidade (empiricamente impossível)	Territorialidade sem território (ex: “Terra Prometida” dos judeus)
Princípios da exclusividade (no seu extremo: unifuncionalidade)	Princípios da multiplicidade (no seu extremo: múltiplas identidades)
Território como recurso, valor de troca	Território como símbolo, valor simbólico

(controle físico, produção, lucro)

("abrigo", "lar", segurança afetiva)

Fonte: Haesbaert, 2005.

Org. Gonçalves, 2015.

Ainda segundo Haesbaert (2005), o território terá diferentes formas de compreensão ao longo do tempo. Nas sociedades tradicionais era tanto funcional, servindo de abrigo e recursos, quanto simbólico, permeado pela identificação com aquele espaço, reproduzindo uma dada cultura. Essa condição muda na atual sociedade "pós-moderna" com a mobilidade, redes e conexões.

[...] o território passa então, gradativamente, de um território mais "zonal" ou de controle de áreas para um "território-rede" ou de controle de redes. Aí, o movimento ou a mobilidade passa a ser um elemento fundamental na construção do território (HAESBAERT, 2005, p. 5).

Essa "flexibilidade territorial" torna-se importante para a compreensão de cidades gêmeas, dada a complexidade de relações que transcendem os territórios nacionais, e possibilita uma análise também a partir dos territórios-rede. Para Haesbaert (2007, p.243),

[...] o território pode ser definido também como a repetição do movimento, entendida a repetição como uma espécie de movimentos "sob controle". O que importa aqui é a presença de um processo de domínio e/ou apropriação que dota o espaço de função e expressividade [...] em seu movimento repetitivo e sob controle, é este espaço-território funcional-expressivo [...] qualitativamente diferenciado.

Esse movimento repetitivo, criando a territorialidade, pensado a partir do espaço do nômade, possibilita delinear trajetos de "gentes" da fronteira que, morando em uma cidade gêmea, formam territorialidades, transcendendo o conceito de território clássico, o que pensamos na perspectiva de pluralidade de territórios e territórios plurais. Na perspectiva de Zambrano,

A pluralidade de territórios indica sua multiplicidade: "A superfície terrestre como suporte está sujeita a um processo permanente de organização/diferenciação, processo central para a reprodução sistêmica. (...)" Os territórios plurais, além de conceberem a multiplicidade descrita anteriormente, concebem todo espaço terrestre ocupado por distintas representações sobre ele, que tendem a legitimar a jurisdição sobre os

habitantes que nele residem, configurando a série de relações sociais entre as diferentes percepções de domínio. (...) Os territórios plurais permitem perceber, em cada unidade do múltiplo, a pluralidade de percepções territoriais estruturadas [a cotidianidade dos habitantes], estruturando [processo de construção] e estruturantes. (ZAMBRANO, 2001, p. 17 apud HASBAERT, 2005, p. 9).

Nesta perspectiva de *pluralidade de territórios e territorialidades plurais*, Haesbaert (2004, p.344) propõe que vivemos sempre uma multiterritorialidade:

[...] a existência do que estamos denominando multiterritorialidade, pelo menos no sentido de experimentar vários territórios ao mesmo tempo e de, a partir daí, formular uma territorialização efetivamente múltipla, não é exatamente uma novidade, pelo simples fato de que, se o processo de territorialização parte do nível individual ou de pequenos grupos, toda relação social implica uma interação territorial, um entrecruzamento de diferentes territórios. Em certo sentido, teríamos vivido sempre uma “multiterritorialidade”.

A noção de multiplicidade de territórios, que conectados em rede condicionam a multiterritorialidade, é de grande valia nesta discussão para a compreensão das relações estabelecidas no limite do território. Limite este transgredido pelas “gentes” para uma multiterritorialidade a partir do espaço de fronteira, considerando que fatores determinados pela condição étnica, religiosa, cultural e de renda têm influência direta na capacidade de interferência restritiva na criação de multiterritorialidade e no estabelecimento de porosidades de fronteiras.

FRONTEIRA

Numa concepção de território mais clássica – de Estado Nação – veremos que a noção de fronteira implica em uma delimitação do mesmo, o limite, demarcando o término de um país, e conseqüentemente o início de outro. Raffestin (1993, p. 153) analisa que:

falar de território é fazer uma referência implícita à noção de limite que, mesmo não sendo traçado, como em geral ocorre, exprime a relação que um grupo mantém com uma porção do espaço. A ação desse grupo gera, de imediato, a delimitação.

Expressada, no caso de países, pelo limite internacional, “fruto de um tratado jurídico internacional” (ALBUQUERQUE, 2010, p. 35), visível através dos marcos construídos, relacionada com o limite, temos a fronteira. Muitas vezes limite e fronteira são tratados como sinônimo, e cabe, aqui, observar as suas especificidades:

[...] fronteira é vista geralmente como uma zona, uma faixa ou uma região entre dois países, é um espaço mais amplo de relações sociais de um lado e outro do limite político. Não tem extensão precisa e varia em cada situação singular. Mas muitas vezes, os estados nacionais definem juridicamente uma faixa de fronteira como área de segurança nacional. (ALBUQUERQUE, 2010, p. 35).

Na visão de Hissa (2002, p. 34),

Parece consistir [o limite] de uma linha abstrata fina o suficiente para ser incorporada pela fronteira. O marco de fronteira, reivindicando o caráter de símbolo visual do limite, define por onde passa a linha imaginária que divide territórios. A fronteira coloca-se à frente, como se ousasse representar o começo de tudo onde exatamente parece terminar: o limite, de outra parte, parece significar o fim do que estabelece a coesão do território. O limite estimula a idéia sobre a distância e a separação, enquanto a fronteira movimenta a reflexão sobre o contato e a integração.

Em contraste aos limites do território – na perspectiva do Estado-nação– que são bem demarcados, “as fronteiras nacionais estão em movimentos impulsionadas por fluxos migratórios [...] influências econômicas e culturais de determinados países sobre outros e por diversas formas de circulação de mercadorias nos espaços fronteirços” (ALBUQUERQUE, 2010, p. 35).

Mas, ao mesmo tempo em que ocorrem as interações econômicas, sociais e culturais, que dão uma característica peculiar a essa parte do território, a fronteira é vista como lugar perigoso, “espaços da ilegalidade, da contravenção e da violência [...] terra de ninguém ou terra sem lei” (ALBUQUERQUE, 2010, p. 35). A fronteira, nesse sentido, possibilita a exploração das diferenças territoriais (no âmbito jurídico-administrativo) dos países por parte dos que ali vivem, e também os que a utilizam para as atividades criminosas.

Outra forma de fronteira é a cultural, que possibilita a criação um “hibridismo cultural”, pois “são processos simultâneos e contraditórios de misturar culturas e de afirmação de identidades nacionais e preconceitos mútuos” (ALBUQUERQUE, 2010, p.46). Aqui é importante salientar a não coincidência do limite territorial com o limite cultural. Este vai além, pois a fronteira – Brasil X Paraguai – tem um caráter poroso, possibilitando ao mesmo tempo a afirmação da identidade brasileira e paraguaia, ao passo que temos a “identidade fronteiriça” assentada numa territorialidade – que não é necessariamente delimitada –, sendo um modo de vivência diferenciado dos encontrados no interior do território.

Esta vivência diferenciada, gerada com a existência da fronteira e, conseqüentemente, amparada pelo território, pensado a partir do Estado-nação, não se limita apenas a suas concepções econômicas e ideológicas. Elas, as “gentes” que habitam este espaço, criam novas territorialidades e, conseqüentemente, novas fronteiras – porosas ou não – na sua vivência. Destacamos, neste trabalho, as fronteiras que se erguem nas cidades de Coronel Sapucaia–BR e Capitán Bado–PY, divididas por uma linha “imaginária”, marcando o limite entre territórios nacionais, criando fronteiras, o que não nega, todavia, que determinadas relações se impliquem, se relacionem.

VIVÊNCIAS DE CORONEL SAPUCAIA (BR) E CAPITÁN BADO (PY)

Coronel Sapucaia-BR e Capitán Bado-PY constituem-se cidades gêmeas, condição dos adensamentos populacionais com mais de 2 mil habitantes separados por limites territoriais (figura 01). Tal condição geográfica foi abordada em um trabalho de campo, em outubro de 2012, para a disciplina Espaço, População e Fronteira, viabilizando, naquele momento, o levantamento de dados (realização de entrevistas, fotografias, etc.) utilizados neste trabalho.

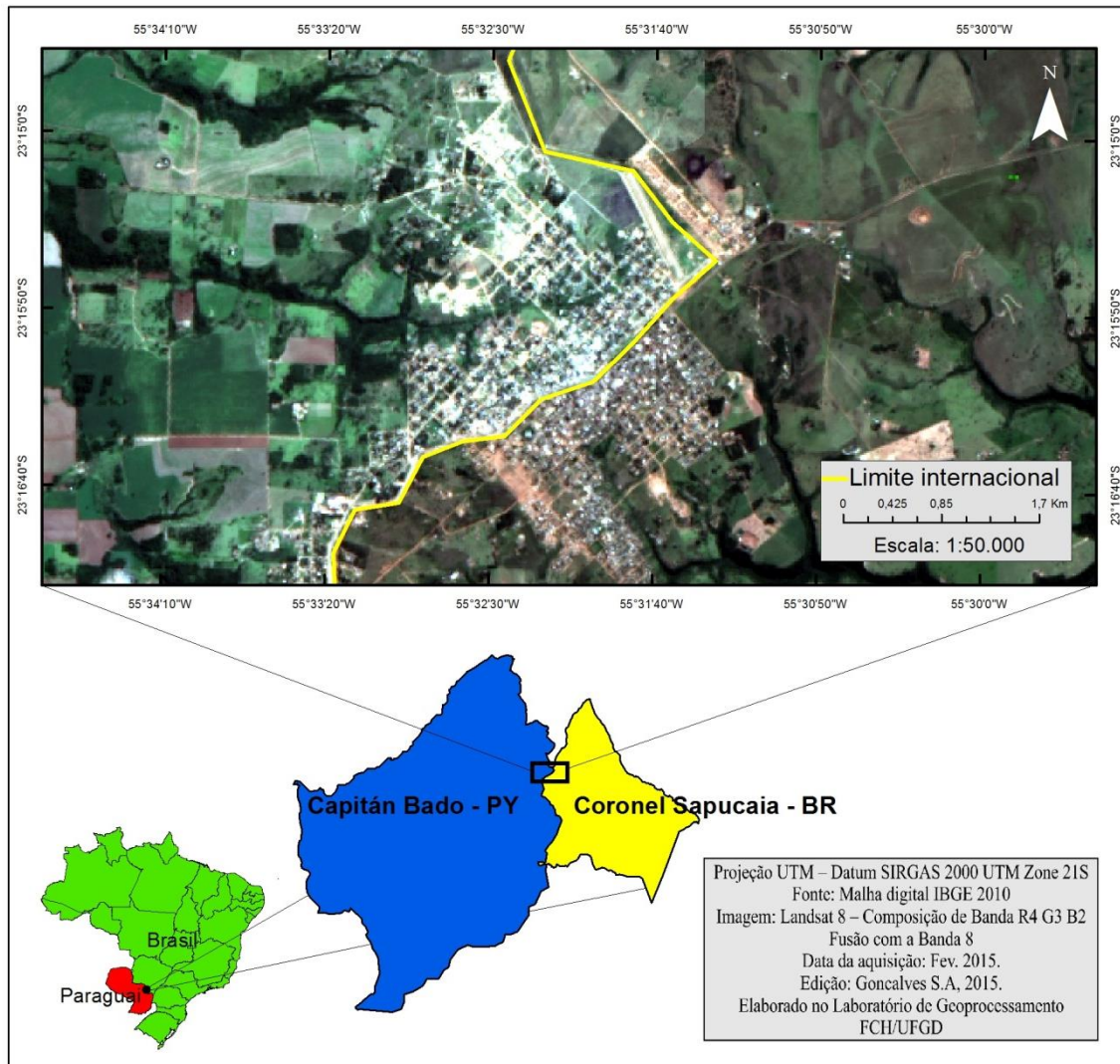


Figura 01 – Localização do Município de Coronel Sapucaia - Brasil, e Capitán Bado – Paraguai.

O município de Coronel Sapucaia possui população de 14.064 (IBGE 2015), economia ligada ao comércio, agricultura e pecuária. Capitán Bado, por sua vez, possui uma população de 11.319 (ano de 2008), economia ligada ao comércio, agricultura, e pecuária. Juntos, estes municípios contam com aproximadamente 25 mil habitantes. Buscando entender as dinâmicas das vivências que acontecem nos dois municípios foram realizadas entrevistas com as autoridades municipais e diálogos com um morador de cada um deles, utilizando um questionário.

A primeira entrevistada, que nomeamos de “A”, é moradora de Coronel Sapucaia, comerciante, com escolaridade de nível superior “A” relata que morar na fronteira é um

privilégio e que o Brasil é *um país bom para convivência, uma mistura de raças e etnias*, e que não faz distinção entre brasileiros e paraguaios. Quando perguntada como são os paraguaios, a entrevistada responde que são *tranquilos*.

Sua relação com Capitán Bado é frequente, sempre se deslocando para fazer compras e visitar um genro lá. Cria-se, assim, uma relação de parentesco em que as famílias estarão sempre atravessando a linha dos limites territoriais de seus países. Esta condição, tanto na relação comercial e, sobretudo, na formação de parentesco entre brasileiros e paraguaios, possibilita identificar a porosidade existente na fronteira, tanto física quanto cultural – identitária –, ao passo que também constrói uma nova territorialidade, que flui sobre os territórios dos Estados-nações e suas legislações.

O entrevistado “B”, morador de Capitán Bado, capataz de fazenda (administrador de propriedade rural), com ensino primário, quando perguntado acerca do que era fronteira para ele, responde que *fronteira divide país*. Quanto ao seu país, o Paraguai, descreve como tendo muita diferença por causa da pobreza e que Capitán Bado é bom de morar, *desde que não se envolva com a “malandragem”*.

Quanto ao aspecto de morar na fronteira, o entrevistado “B” argumenta que não *há lugar melhor para morar e trabalhar dentro da lei*, e que sempre se desloca para o lado brasileiro, Coronel Sapucaia, para realizar compras, pois as coisas são de qualidade –segundo ele, no Paraguai *as coisas são tudo meio descartável*. Estereótipo que é muito reforçado pelas mídias, sobretudo brasileiras, de que tudo que é do Paraguai não presta: país da falsificação. (ALBUQUERQUE, 2010, p. 39)

Perguntado sobre o Brasil, responde que é *um país bom, melhor que aqui* (Capitán Bado-PY), referenciando Coronel Sapucaia por ter mais segurança no comércio, e que *os brasileiros, muito educados, são mais diferentes, são humildes*. Assim como a entrevistada “A” tem uma relação com Capitán Bado que vai além da econômica, o entrevistado “B” tem parentes que moram em Coronel Sapucaia. Observa-se nas duas falas (de “A” e “B”) como esses agentes acionam diferentes territórios, de acordo com suas necessidades e desejos, formando, assim, uma multiterritorialidade, possibilitada pela condição fronteiriça.

No diálogo com as autoridades dos dois municípios, as tensões ficam mais evidentes. Assim como os moradores, as autoridades fazem questão de reforçar que a

fronteira é um lugar bom para morar, mas assumem, ao mesmo tempo, como na fala do secretário da prefeitura de Coronel Sapucaia, a existência do tráfico de drogas, da violência. O secretário comenta que a violência é em “*boa parte aumentada pela mídia*” e que a fronteira não deve ser responsabilizada pelos problemas existentes em São Paulo e Rio de Janeiro, aproveitando para dividir o problema com o Paraguai, *que produz a maconha*, somado à facilidade de cometer homicídios lá e trazer para o Brasil, colocando o município no ranking dos casos de homicídios.

Quanto às plantações de maconha existentes no Paraguai, as autoridades do município de Capitán Bado delegam a existência ao envolvimento, na sua maioria, de brasileiros e alguns paraguaios. Compartilhando assim as responsabilidades pelas ilicitudes que ocorrem em ambos os lados.

Fizemos uma consulta rápida ao Google Imagem buscando por Coronel Sapucaia-MS. Das 15 primeiras imagens, 7 estão ligadas à violência e 4 diretamente ao tráfico de drogas. A mesma pesquisa feita com o município de Capitán Bado, 6 imagens estão veiculadas à violência, 1 com envolvimento de drogas. Interessante observar a ausência, sobretudo nas buscas por Capitán Bado, de imagens que fazem referência ao tráfico, apenas há relatos do fato ocorrido.

A facilidade de atravessar a linha internacional entre os dois países e se beneficiar das legislações e de suas respectivas soberanias é um dos fatores facilitadores dos atos ilícitos, como o caso de roubo (crime em ambos os países), ficando o crime limitado apenas ao território onde ocorreu. As “gentes” utilizam-se das diferentes possibilidades dos espaços de fronteiras para diferentes fins o que cria situações como a relatada em um site do município brasileiro sobre roubos e assaltos:

[...] o larápío estava cometendo uma série de assaltos a mão armada contra estabelecimentos comerciais de Capitán Bado (PY) e Coronel Sapucaia no lado Brasileiro. O bandido, quando cometia o assalto no território brasileiro corria para o lado paraguaio, e quando atuava em Capitán Bado passava para Coronel Sapucaia, porém agora foi tirado de circulação, desta vez passou direto para Xilindró⁴.

⁴ CORONELSAPUCAIA.COM. Polícia de Capitán Bado prende acusado de cometer vários roubos e assaltos dia [18/11/2011]. Disponível em: <<http://radialistapauloescobar.blogspot.com.br/2011/11/policia-de-capitan-bado-prende-acusado.html>>. Acesso em 10/07/2015.

Neste caso fica visível a criação pelo “larápio” do seu próprio território-rede, que lhe permite acionar diferentes territórios – devido à fixidez do Estado-nação –, visando a cometer crimes em ambos os lados. Situação que as autoridades utilizam como argumento para uma maior parceria entre os dois municípios, que no caso da segurança, já há uma maior articulação, diferenciando-se de outras áreas.

Monumento do Lions
International, que demarca (ao centro) o
limite territorial do Brasil e Paraguai.
Foto: GONCALVES, A.S. - 20/10/12



Foto de uma das avenidas
paraguaias na divisa com o Brasil,
onde podemos observar alguns
elementos que unem essas duas
nacionalidades. Um deles –
cultural – está representado pelo
monumento ervateiro de origem
paraguaia e consumido por todos
os fronteiriços, o comércio,
representado pela loja de
eletrônicos ao fundo, produtos
bastante procurados no Paraguai
por brasileiros.

Foto: GONCALVES, A.S. 20/10/12

Aplicação de agrotóxicos
em lavoura de soja de
brasileiros no município de
Capitán Bado
na região de Curupai.
Foto: GONCALVES, A.S.
27/12/11



Um projeto mais dinâmico de integração, o PARLIM (Parlamento Internacional Municipal), que possibilitaria uma colaboração mais efetiva, tem tido dificuldade em ser desenvolvido, em grande parte devido às divergências políticas locais. O projeto visa criar soluções colaborativas para a resolução dos problemas comuns às duas cidades. São eles: saúde, educação e segurança, sendo as mazelas desta última alvo constante de acusações ora Capitán Bado-PY, ora a Coronel Sapucaia-BR. Na economia local os produtores rurais brasileiros têm uma participação importante em ambos os municípios. Tais “agentes” têm propriedades no Paraguai (Capitán Bado), desenvolvendo atividades voltadas para a agricultura (com destaque para a produção de soja) e pecuária. “Não existe fronteira”, aponta uma autoridade do município brasileiro, comentando sobre os produtores rurais brasileiros que se deslocam diariamente para trabalhar no Paraguai.

Segundo Goettert (2013, p. 753),

Desde, sobretudo, as décadas de (19)70 e (19)80, brasileiros, sobretudo “sulistas”, no processo de expansão da fronteira agropecuária e extrativista (madeira) ultrapassaram o rio Paraná e se embrenharam rumo a terras do Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Pará, Rondônia, leste acreano, oeste baiano, sul do Maranhão e Piauí... E ali, onde a terra desconhece nacionalidades, também foram adquirindo propriedades na “margem” e também no “interior” paraguaio. “Onde chegam levam o progresso”, disseram alguns brasileiros coronel-sapucaieenses... “Invadiram as nossas terras”, disseram, por sua vez, alguns paraguaios de Capitán Bado.

Depoimento colhido pelo autor supracitado, no qual podemos identificar – numa escala nacional e local – a predominância de brasileiros nas atividades agrícolas, engendrando as contradições resultantes desse modelo agrário, em outro território, surtindo, conseqüentemente, impacto na estrutura fundiária do Paraguai. Exemplo dessas contradições pode ser encontrado na matéria publicada em site local, intitulada “Brasileiro faz fortuna e má fama no Paraguai” (CAPRIGLIONE 2014). Nela, o entrevistado é o maior produtor de soja no país vizinho, considerado símbolo do agronegócio – setor este que em 2010 participava com cerca de 15% do PIB – e, ao mesmo tempo, é acusado pelos sem-terra de possuir mais de 1 milhão de hectares de terras.

Nesse sentido, pode-se afirmar a existência de “outra fronteira impermeável”, a da propriedade privada. Composta, em sua maioria, pelos latifúndios do agronegócio que desterritorializa e expulsa os camponeses e indígenas de suas terras.

Especificamente em Capitán Bado, as autoridades enfatizam os problemas ambientais causados pelo avanço deste modelo de produção agrário (a soja) e a falta de respeito às legislações trabalhistas que determinam a quantidade máxima de 25% de trabalhadores estrangeiros nas propriedades – este valor não é respeitado. A presença de uma maior quantidade de brasileiros em propriedades em terras paraguaias advém, especialmente, do estereótipo de que o paraguaio não é “tão trabalhador” como os brasileiros.

Conforme Albuquerque (2010, p. 165):

Neste sentido, é interessante pensar a ideologia do trabalho dos imigrantes também como uma forma de poder e de gestação de preconceito e de desigualdades simbólicas [...] A relação do trabalho com a ideologia do desenvolvimento pode ser pensada a partir do diferencial de poder entre grupos sociais e das imagens e autoimagens que esses grupos constroem para legitimarem nos novos territórios de colonização.

Essa relação de produção a partir do modelo do agronegócio dos produtores brasileiros, apesar dos problemas, ainda é vista como positiva pelas autoridades paraguaias em termos econômicos, pois cria uma peculiaridade específica propiciada pela fronteira física (considerando aqui os municípios de Coronel Sapucaia e Capitán Bado), devido a sua porosidade provocada pela incapacidade e/ou conveniência dos Estados em não atuar com mais contundência nessas regiões do território.

A primeira especificidade diz respeito à facilidade que os fazendeiros encontram para venderem seus produtos, em especial a soja, optando pelo melhor preço, que nem sempre está atrativo no país em que foram produzidos devido à cotação da moeda brasileira e à do dólar (nos municípios do Brasil ou Paraguai), favorecendo, assim, o contrabando, sendo que, em determinadas situações, um município pode ganhar ou perder com esse ato ilícito.

Outra condição refere-se ao deslocamento diário de trabalhadores brasileiros rumo ao município vizinho para trabalhar, a maioria nas lavouras. Dada a constância do ir e vir,

esses brasileiros criam, através da porosidade física e identitária de ambas as cidades, novas territorialidades – uma pluralidade territorial pensada numa permanente organização/diferenciação. Tendo a superfície terrestre como suporte, e os territórios plurais – concebidos em cada unidade do múltiplo –, a multiterritorialidade (HAESBAERT, 2005) vivenciada é característica marcante do viver na fronteira, e mais ainda quando se trata da condição de cidades gêmeas.

Obviamente, apesar das suas vantagens, não significa uma convivência fraternal, pois “inevitavelmente, é de se considerar que todo o grupo étnico (ou cultural), ao elaborar-se solidariamente como “Nós”, também, direta ou indiretamente, ou já elabora o “Eles” (o Outro) ou parametriza os elementos para a distinção” (GOETTERT, 2013, p. 3). Isto pensando na perspectiva das identidades nacionais – criadas pelos Estados-nações – e que repercute diretamente na vida cotidiana dos que habitam nas proximidades dos limites territoriais. Assim temos o *brasileiro*, que é produto de um conjunto de valores e características, como também o *paraguaio*, e ambos possuem suas especificidades: os trabalhadores de um lado, e os vagabundos de outro; os que levam o progresso, e os que permanecem no atraso.

O choque de concepções de mundo, de identidades, culturas, realiza-se em relações fronteiriças. Nesse sentido, a expansão do modelo agrário para o Paraguai implicou no estabelecimento do ideário de desenvolvimento que se busca implantar no país vizinho através do agronegócio, que se configura como uma lógica capitalista, assentada na produtividade e competitividade. Condição suficiente para – sobretudo por parte dos produtores brasileiros, mas que também é reproduzido por boa parte da população, em especial da fronteira – interferir diretamente no modo vida dos paraguaios, e em especial dos camponeses, os rotulando de atrasados, e o povo paraguaio de preguiçoso, não se aprofundando na análise de suas especificidades culturais e socioeconômicas.

Essa forma de relação e construção do “outro” está em grande parte ligada a

[...] uma construção eurocêntrica, que pensa e organiza a totalidade do tempo e do espaço para toda a humanidade do ponto de vista de sua própria experiência, colocando sua especificidade histórico-cultural como padrão de referência superior e universal (LANDER, 2005, p. 13).

Apesar de todas as contradições existentes, a multiterritorialidade e a porosidade da fronteira – tanto em sentido físico/concreto, como identitário/simbólico – estão presentes nas relações comerciais, econômicas, culturais, nas constituições das famílias, nas amizades, etc. A multiterritorialidade da/na fronteira, enfim, permite uma relação de “trocas”, dando uma identidade, “um jeito de ser/viver” específico dessas porções do espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O território e a fronteira ao longo da história passaram por transformações profundas de delimitação mais ligada à proteção biológica e cultural do grupo, porosa até certo ponto. À medida que o homem foi se sedentarizando, esse território, e conseqüentemente as fronteiras, tornaram-se bem mais delimitados e rígidos (MARTINS, 1997), ao passo que hoje, com toda a tecnologia existente, os territórios e suas respectivas fronteiras são precisas, em grande parte dos países, quanto ao seu controle.

Contudo:

As fronteiras são fluxos, mas também obstáculos, misturas e separações, integrações e conflitos, domínios e subordinações. Elas representam espaço de poder e de conflitos variados. Há uma disputa e uma confluência de nacionalidades nesse espaço social singular em que se configuram as fronteiras [...] (ALBUQUERQUE, 2010, p. 235).

As fronteiras, em situações como as encontradas nas cidades gêmeas, Coronel Sapucaia – lado brasileiro – e Capitán Bado – lado paraguaio –, embora precisamente delimitadas pela linha imaginária e concretizadas nos marcos e no imaginário (onde termina/começa o território brasileiro, bem como o paraguaio), caracterizam-se pela porosidade e pelas territorialidades construídas pelas “gentes” que ali habitam.

“Gentes” estas que, no âmago de um processo histórico civilizador eurocêntrico, se tornaram brasileiros, paraguaios, argentinos, cubanos, etc., tendo como divisor o limite territorial e a construção identitária que condicionam essas “gentes”, agora brasileiros ou paraguaios, às especificidades histórico-culturais diferenciadas, impactando diretamente nas suas culturas e nas suas representações identitárias perante os demais, os outros.

No caso dos habitantes de Coronel Sapucaia, que representam o Brasil como um país bom, e os de Capitán Bado, que veem o Paraguai como um país pobre, notamos as mais diversas contradições possíveis, algumas delas analisadas aqui. Por outro lado, as porosidades da fronteira, física e/ou imaginária, e as territorialidades espacializadas, que transgridem as normas dos Estados-nação em suas rigidezes constitucionais e limitações territoriais, criam uma “identidade fronteiriça”. Tal identidade não substitui a dos Estados-nação, mas possibilita a vivência, a mistura cultural, cujas autoridades locais e de representações nacionais, através da integração, devem compreender para implantar políticas públicas que possibilitem a essas “gentes” – brasileiros e paraguaios – uma vivência digna e pacífica nas fronteiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, J. L. **A dinâmica das fronteiras**: Os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai. 1. ed. São Paulo, SP: Annablume, 2010. p. 268.

FERNANDES, D. Território e Territorialidade: algumas contribuições de Raffestin. **Perspectivas em Políticas Públicas**, Belo Horizonte, v. 4, n. 9, p.59-68, dez. 2009. Semestral. Disponível em: <<http://revistappp.uemg.br/pdf/artigo3ppp4.pdf>>. Acesso em: 09 jul. 2015.

GOETTERT, J. D. Fronteiras na Fronteira: “Falas atravessadas” entre Brasil e Paraguai. **Revista Geonorte**, v. 7, n. 1, p. 748 - 766. 03/07/2013. Semestral. Disponível em: <http://www.revistageonorte.ufam.edu.br/attachments/article/14/fronteiras%20na%20fronteira%20%e2%80%9cfalas%20atravessadas%e2%80%9d%20entre%20brasil%20e%20paraguai.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2015.

HAESBAERT, R. C. Da desterritorialização à multiterritorialidade. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**, São Paulo: USP, 2005. Disponível em: <http://www.planificacion.geoamerica.org/textos/haesbaert_muhti.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2015.

HAESBAERT, R. C. **O mito da desterritorialização**: Do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. 3. ed. Rio De Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2007. p. 400.

HISSA, C. E. V. **A mobilidade das fronteiras**: inserções da geografia na crise da modernidade. Editora UFMG, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Cidades). Coronel Sapucaia. 2014. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/8ZF>>. Acesso em: 09 jul. 2015.

LANDER, E. Ciências Sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: Lander Edgardo (Org.) **A colonialidade do saber: eurocêntrico e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas. Colecion Sur-Sur, CLACSO, Ciudad Autonoma de Buenos Aires, Argentina, 2005, p. 08-23. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/>>. Acesso em: 09 jul. 2015.

CAPRIGLIONE, L. **Brasileiro faz fortuna e má fama no Paraguai**. 2014. Diário. Disponível em: <<http://www.capitanbado.com/2/brasil/agronegocio/brasileiro-faz-fortuna-e-ma-fama-no-paraguai/2269>>. Acesso em: 5 jun. 2014.

LEFEBVRE, H. Les contradictions de l'État moderne, 1978. In: RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática S.A., 1993. p. 266.

MARTINS, J. de S. **Fronteira: A degradação do Outro nos confins**. 1. ed. São Paulo, SP:1997. p. 192.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática S.A., 1993. p. 266.

SILVA, T. T. da. **Identidade e diferença: A Perspectiva dos Estudos Culturais**. 11. ed. Petrópolis, RJ: VOZES, 2009. p. 136.

ZAMBRANO, C. 2001. Territórios plurales, cambio sociopolítico y gobernabilidad cultural. In: HAESBAERT, Rogério Costa. **Da desterritorializacao amultiterritorialidade**. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina, São Paulo: USP, 2005. Disponível em: <http://www.planificaciogeoamerica.org/textos/Haesbaert_mul_tti.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2015.

Recebido em: 28/11/2018

Publicado em: 31/05/2019